

Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal avançar a reflexão sobre uma teoria da notícia. Pretendo explorar a extensão em que as notícias, como forma de conhecimento da realidade, permanecem próximas do referente empírico ou distanciam-se dele sugerindo mundos virtuais na imaginação dos leitores.

ABSTRACT

In this paper the author argues that journalistic news constitute a singular symbolic system where reality and fiction become mixed together, thus stimulating the reader's imaginary to recreate feasible words which open up to new horizons and transgress reality's frontiers.

PALAVRAS-CHAVE

- Comunicação (Communication)
- Teoria da Notícia (Newsmaking theory)
- Imaginário (Imaginary)

Este artigo tem como objetivo principal avançar a reflexão sobre uma teoria da notícia, iniciada em trabalhos anteriores¹. Pretendo explorar a extensão em que as notícias, como forma de conhecimento da realidade, permanecem próximas do referente empírico ou distanciam-se dele sugerindo mundos virtuais na imaginação dos leitores. O meu ponto de partida é a seguinte afirmativa: as notícias - como sistema simbólico peculiar - situam-se entre a força atratora da história (na extensão em que seus autores buscam insanamente uma reprodução fiel dos fatos) e uma implícita narração quase ficcional desta mesma história. A minha hipótese é que notícias são um sistema simbólico singular onde se fundem e se confundem realidade e ficção, estimulando o imaginário do leitor a recriar mundos possíveis, descortinando horizontes e transgredindo as fronteiras da realidade.

Por trás dessa característica singular da forma notícia de conhecer a realidade está a nossa crença na convivência entre o logos e o mythos na linguagem jornalística. A notícia lida fundamentalmente com a ambigüidade dos conflitos humanos, com as incertezas e as inseguranças do ser diante dos enigmas da humanidade e da natureza. As características do acontecimento jornalístico são a imprevisibilidade, a excepcionalidade, a aparente falta de nexos entre os fenômenos. Por sua própria natureza, esses acontecimentos são perturbadores e inquietantes porque estão carregados de emoções, tensões e angústias. A ambigüidade desses acontecimentos anormais ou acidentais faz com que a forma discursiva da notícia assimile a sua carga polissêmica, impregne-se de uma dimensão simbólica que permite leituras várias, podendo aplacar ou exacerbar as angústias do ser humano. A linguagem das notícias possui, assim, modulações diversas, podendo resplandecer fantasias, sonhos, ilusões tanto quanto racionalidades objetivadas. Ela é, por natureza, uma linguagem complexa e contraditória, onde convivem complementarmente mythos e logos, independente da materialidade gramatical do texto pretensamente objetivo.

Luiz Gonzaga Motta
Universidade de Brasília/DF

Quero destacar ainda as reflexões desenvolvidas neste artigo sobre uma outra característica da forma de apreensão e transmissão da realidade através das notícias (que necessita de análises mais aprofundadas). Já foi amplamente denunciado que as notícias são unidades fragmentadas de significação, são recortes limitados do real produzidos conforme os cânones profissionais do jornalismo. No meu modo de entender, as notícias são, de fato, fragmentos do real. Mas são processos seriais, que reatendem todos os dias, a cada dia. Os fatos relatados não acontecem no limbo. Ao contrário, são contínuos e recorrentes, captados e narrados ininterruptamente pelos jornais e telejornais diários no interior do húmus da cultura da sociedade, da memória cultural, e a ela retornam na forma de notícia, configurando a sua intertextualidade e um sentido social. As notícias possuem conexões óbvias quando um mesmo fato permanece dias, semanas, meses ou anos no noticiário.

Outras vezes, são recorrentes porque fatos circunstancialmente diferentes reatendem no noticiário. Este raciocínio permite superar a mera denúncia da fragmentação e dar um passo além, rumo à interpretação das notícias enquanto forma de conhecimento singular. Neste aspecto, o caráter serial das notícias é importante porque serialidade sugere narrativa, que por sua vez implica ficcionalidade. Ou seja, a serialidade das notícias sugere uma percepção narrativa da história, inspira a criação de uma consciência do fluxo do tempo histórico insinuada pelo fluir diário dos relatos dos fatos. A intersecção entre o calendário socialmente estabelecido e o tempo interior de cada indivíduo parece estar ritualisticamente cadenciado nos dias de hoje pela percepção serializada da história através das notícias diárias.

A facticidade do tempo contínuo da história parece estar sendo percebida e demarcada pelas edições matinais e vespertinas dos jornais ou telejornais, estipulando o tempo da história e do homem no mundo. A compreensão das notícias, nesse contexto, requer novas interrogações: Como e em que extensão essa dimensão narrativa das notícias é percebida pelo leitor? Em que medida a percepção ficcionalizada pelo conteúdo das notícias estimula os imaginários sociais? Que mundos virtuais, mundos possíveis, mundos imaginados (ilusões, sonhos, desejos e utopias) se depreende do noticiário? Como o receptor preenche os vazios de sentido? Em

que medida as lacunas de significação entre um noticiário e outro, entre um e os outros fatos, impulsionam a construção de uma ideia ou de uma imaginação?

Termino esta introdução sugerindo que as reflexões sobre a notícia como uma forma de apreensão e expressão discursiva da realidade parecem remeter mais a uma antropologia que a uma sociologia da notícia, para justificar o título do artigo. Antropologia porque o que está em foco nesta reflexão é a cultura orgânica constitutiva da sociedade humana. O objeto não é o jornalismo enquanto profissão nem a intermediação de meios tecnológicos na transmissão de conhecimentos, mas uma nova, singular e contraditória forma de apreensão e expressão da realidade, diferente do senso comum, da intuição, da mitologia e da arte, por um lado, ou do conhecimento científico racional e da história, por outro, embora a notícia guarde alguma semelhança com eles nas suas diversas modulações entre a verdade dos fatos e as subjetividades simbólicas. Paraphraseando os antropólogos, a cultura se situa nas mentes e nos corações dos homens.

Finalmente, quero mencionar que ao centrar o foco na notícia como narrativa da história, o método natural é aquele apontado por inúmeros antropólogos ou pela antropologia literária, qual seja a análise das narrativas e a interpretação da ficcionalidade dos textos.

1 Notícia como ritual

A intensa exposição das pessoas às notícias do jornalismo impresso, radiojornalismo ou telejornalismo transformou-se, na contemporaneidade, em um ato ritualístico que se repete diariamente, e através do qual o indivíduo e a sociedade retomam regularmente o contato com a realidade. Ler, ver ou ouvir notícias passou a fazer parte do ritmo da vida cotidiana e transformou-se em um hábito social agregado ao ciclo cronológico do homem de hoje. Mais ainda, essa recorrência do hábito de tomar e retomar conhecimento do mundo através das notícias a cada dia criou um círculo cultural cujo âmbito vai além de simplesmente informar as pessoas sobre os fatos que ocorrem a cada dia. As notícias transformaram-se em uma forma de percepção que organiza o conhecimento social, dota a realidade de passado e futuro, tece uma imagem menos caótica do mundo. Consumir notícias se transformou em um ato culturalmente significativo. Além de possibilitar

a cada indivíduo se ressituar cotidianamente no mundo através das informações, o hábito de consumir notícias proporciona as reiterações simbólicas necessárias à sedimentação de conteúdos que são contados e recontados diariamente. Estabelece as fronteiras éticas e morais, as lições de vida que perpassam aquelas somente ideológicas. A recorrência regular de conteúdos diversos (crimes, denúncias, corrupção, julgamentos, punições, vitórias, derrotas, recompensas) reforça as percepções de padrões culturais, modelos éticos e arquétipos no inconsciente coletivo. As notícias são uma forma de transmissão cultural, na qual o fundamento é a reiteração. As histórias são as mesmas, recontadas diariamente com novas personagens e circunstâncias pelos jornais, revistas e telejornais. Essa atividade cíclica de consumo da notícia é reordenadora, como um sistema cultural. Enquanto sistema simbólico, as notícias contam histórias, delineiam as fronteiras do bem e do mal, conformam “o que pode e o que não pode”.

Entendidas como sistema simbólico, as notícias são narrativas da contemporaneidade e invadem regularmente o terreno dos *mythos*. Interpretadas simbolicamente, as notícias se revelam como estórias, se mostram como fábulas da vida moderna. Em análise anterior, argumentei que as notícias são obras abertas, sentidos inacabados que convidam o leitor a completar cooperativamente a sua significação, como na literatura. Mesmo aquelas de significação mais restrita, aquelas que conseguem ser mais “objetivas” e despir-se de toda ficcionalidade, se consideradas como fragmentos de um conjunto maior de notícias, assumem novos significados e revelam fabulações implícitas. Assim entendidas, elas adquirem um sentido narrativo, estimulando a fantasia, a imaginação, os desejos e as utopias dos leitores. Do meu ponto de vista, as notícias são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam. É como se os jornalistas estivessem sempre à espreita de acontecimentos já esperados, cabendo a eles apenas preencher os moldes que revelam os eternos dramas e tragédias da humanidade².

Isso não quer dizer que as notícias sejam pura ficção inventada pelos jornalistas; nem que elas se configurem como um sistema mitológico. As notícias são um sistema simbólico singular porque nelas se misturam realidades e fantasias,

nelas se confundem o real e o imaginário. Elas são logos, razão, fatos históricos; mas são igualmente *mythos*, encerram subjetividades que dotam os acontecimentos de sentidos do bem e do mal, de passado e de futuro, de ideologias que estimulam desejos e utopias. Pela sua natureza ritualística e enquanto sistema simbólico, as notícias têm um caráter de fábula e podem até se assemelhar às narrativas teológicas. Na sua intencionalidade estratégica, entretanto, elas não deixam de ser relatos plenos de verossimilhança, porque é a verossimilhança externa, esse compromisso com a história, que lhes confere credibilidade para continuar contando e repetindo os temas arquetípicos, que lhes assegura a legitimidade para instalar-se como fonte das fábulas contemporâneas.

Os jornalistas fazem rotineiramente um exercício para permanecer o mais próximo possível do referente empírico, um malabarismo lingüístico que lhes permita manter-se em um ponto mais próximo possível do grau zero de significação e relatar de forma fiel o mundo real. Por isso, o jornalismo seja talvez o último baluarte da epistemologia da “objetividade pura”, um princípio ao qual o repórter declaradamente precisa aderir para incorporar-se à profissão³. Entretanto, isso não o afasta do mundo da imaginação, da fábula, do *mythos*, enfim. Nem isola o seu texto das diversas subjetivações culturais.

O filósofo catalão Lluís Duch contrapõe à epistemologia racionalista (não apenas do jornalismo) o argumento de que o mito é parte inalienável e indestrutível de nossas biografias mais íntimas, pois as nossas histórias são as nossas fabulações, nossas biografias contêm uma mescla muito difícil de se distinguir de elementos míticos e de elementos lógicos, o que é, no fundo, a demonstração de nossa natureza logomítica.

Quero desenvolver aqui e utilizar as palavras de Duch, que com muito mais habilidade e elegância, reforçam e ampliam os argumentos que desenvolvo. Para ele, não é suficiente um indivíduo ou uma sociedade inteira policiar a sua natureza mítica para refazer a sua forma expressiva. O universo mítico habita o reino do onírico, do implícito e costuma se fazer presente justamente no centro de nossa vida, ainda que de maneira polissêmica, contraditória e susceptível de ser interpretado de formas diversas:

O mito possui uma natureza complexa,

que responde à inevitável complexidade e ambigüidade do ser humano. Por essa razão, por muito mais que se intente, nunca poderá ser liberado da problemática inerente à existência humana. O mito chega a fazer-se atual em todas as épocas e em todos os espaços porque será incessantemente reinterpretado em função das novas variáveis que surgem nos trajetos vitais dos indivíduos e das coletividades⁴.

A função do mito, diz Duch, não pode nunca ser substituída por uma “atitude histórica” qualquer. O que ocorre verdadeiramente é que, sempre, e em todo lugar, o ser humano se encontra submetido a novos processos de remitificação, intimamente vinculadas às próprias peripécias biográficas as quais, com freqüência, dão lugar a situações inéditas que são muito difíceis de dominar conceitualmente: “O mito, o trabalho do mito, é algo onipresente, móvel e flexível na existência concreta dos indivíduos e dos povos; é, para resumir, uma exposição e um reflexo global e enciclopédico dos diversos problemas, facetas e aspectos da vida real”⁵.

Para ele, nossa biografia não é uma construção objetiva, fria, ascética. Ao contrário, trata-se de uma narração plena de modulações narrativas diversas, onde o desejo, as ilusões, os sonhos e a realidade se misturam em proposições quase sempre impossíveis de discernir:

Há uma inalienável dimensão mítica em todo ser humano justamente porque as possibilidades reais da existência humana permanecem sempre escondidas, são infinitamente superiores àquelas que se pode tematizar conceitualmente, perceber historicamente e experimentar em cada momento concreto⁶.

Para Lluís Duch, a experiência humana imediata é assediada por um sem-fim de princípios contrários entre si: forças, manifestações, tendências, obsessões difíceis de conciliar, que são plasmações do “caótico”, algo inerente à vida dos grupos e dos indivíduos. O mito realizou, e realiza ainda, a saudável função teodiceica de reconciliação entre os aspectos mais contrários da existência humana, reconciliação possível porque o ser humano dispõe estruturalmente do atributo da miticidade⁷. A irrupção do mito, justamente

no centro das épocas e sociedades que se autoqualificam de ilustradas (antimíticas), se deve à ineludível necessidade que tem o ser humano de regressar às fontes psicossomáticas mais profundas da sua experiência existencial. Como se pode comprovar nos dias atuais, principalmente nos espaços de defesa exacerbada do racionalismo (como na linguagem “objetiva” do jornalismo, diria eu), resulta inquietante a irrupção, às vezes de forma selvagem, de múltiplas tendências, movimentos e derivações, “daquilo que não poderia suceder”. Duch endossa a afirmação de P. Ricoeur de que o mito atende ao enigma da existência humana, a saber, a discordância entre a realidade fundamental (o estado de inocência, o estatuto de criatura, o ser essencial) e a modalidade atual do “homem culpado”. Os numerosos estudos atuais sobre esses fenômenos põem em relevo a crise atual da sociedade de mercado e as relações humanastecnoeconômicas super-racionalizadas⁸.

2 Jornalismo e Coincidentia Oppositorum

Essas considerações nos ajudam a compreender as contradições entre a intenção e a realização nas experiências humanas, as contradições entre a intenção explícita de um discurso objetivo e o seu resultado verdadeiro. Todo discurso humano, inclusive aquele que pretende uma destacada objetividade e neutralidade afetiva, é dirigido por vontades implícitas, por carências e interrogações que têm muito pouco a ver com a materialidade gramatical do discurso lógico, continua Duch com palavras que se adequariam perfeitamente ao que temos dito sobre a linguagem do jornalismo. No explícito se esconde o não-dito⁹. Por isso, diz ele, as pretendidas reduções do *mythos* ao *logos* correm sempre o perigo de mitologização do *logos*, ou seja, da conversão do discurso racional em seu contrário.

Desde uma perspectiva da complementariedade entre *mythos* e *logos*, é preciso considerar o diálogo entre os dois, o diálogo da diferença, que inclui as ressonâncias e correspondências, e que permite desvelar o sentido oculto do mero fluir das aparências. Trata-se daquilo que a tradição designa como *coincidentia oppositorum*. Tanto o *mythos* se apresenta imiscuído no *logos* como este cobra sua presença no *mythos*. Existe, para completar a contradição, a presença do real no objeto

simbólico, do mistério na forma.

Às vezes, o mito se ensaia em teologias, se estabelece em aparelhos lingüísticos ou axiológicos e constrói establishments religiosos, políticos e culturais. Intentos que poucas vezes têm êxito, porque o mito não consegue manter por muito tempo a sua “dignidade institucional”, logo se transforma em feroz competidor do logos e o transmuda não em mitologia, não no sentido de “dizer o mythos”, e sim no de “explicar (racionalizar) o mythos”, o logos do mythos. É algo sobejamente comprovado, conclui Duch, que os sistemas filosóficos e políticos, assim como a Palavra, costumam dispersar-se em “palavras” supostamente “lógicas”, que abandonando o contexto querem fixar-se quase obsessivamente em um texto que se apresenta presunçosamente como puro, intangível. Nestes momentos, a Palavra autêntica, criadora de vida e de sonhos se encontra no exílio. No entanto, o mito está lá, nos recônditos mais longínquos, mas no coração mesmo da realidade, nas profundidades da polifônica palavra humana.

O mito não pode morrer, argumenta Duch: “A morte do mito significaria a morte do homem. Nenhum neoliberalismo ascético e controlador conseguirá por um ponto final no enigmático trajeto humano, à aventura mítica que é tão característica do pequeno bípede sobre esta terra. Crer que um neoliberalismo qualquer poderia se converter no paraíso reencontrado equivale a uma imperdoável aberração espiritual que levaria a irreparáveis conseqüências para a saúde física, psíquica e espiritual do ser humano”¹⁰.

A palavra humana se constitui na manifestação mais eloqüente do polifacetismo radical do ser humano, que se mostra de formas expressivas no âmbito do pensamento, da ação e dos sentimentos. Não se trata de uma manifestação caótica nem tampouco disciplinada e regular. Mas bem se pode entendê-la como expressão do **complexio oppositorum**, de uma harmônica e criadora disposição dos elementos que constituem a humanidade do homem, por mais opostos e excludentes que possam parecer à primeira vista. Neste sentido, a coordenação humanizadora entre a narratividade do mythos e a “lógicidade” do logos deveria constituir o modelo por excelência da harmonia interna da humanidade do homem¹¹.

Citando autores como W. Benjamin, G. Steiner, H. Weinrich e P. Ricoeur, Lluís Duch argumenta que, nos últimos tempos, a palavra

humana se despoetizou, perdeu muito de sua força “sagrada”, perdeu esse “algo” que se situa mais além da lógica. Esse perigoso e dogmático reducionismo da palavra humana na sua forma narrativa tem muito a ver com a supressão do mythos na cultura ocidental e com a perda de qualidade da vida humana, pois não há dúvida que a qualidade de vida não pode desvincular-se de nossas narrativas. Como diz G. Steiner: “Por cima do plano vegetativo mínimo, nossas vidas dependem da capacidade de expressar a esperança, de confiar às orações condicionais e aos futuros os nossos sonhos ativos de mudança, de progresso e de liberação”¹². Esse “algo” não existe necessariamente em toda narrativa e, muitas vezes, guarda certa distância a respeito do narrado; narrar algo não equivale a experimentar automaticamente a sua sacralidade.

Na sua evolução histórica, as narrativas mitológicas adotam inúmeras dimensões:

As narrativas míticas podem realizar funções muito diversas; desde o relato destinado a pura distração até as narrativas com intenções catárticas e mobilizadoras, sem esquecer a articulação de uma série de desejos e sonhos irrealizáveis no centro de uma cotidianidade. Pode-se capturar a morfologia ou buscar a lógica interna do mito enquanto narração, como já o fizeram muitos autores (V. Propp, C. Levi-Strauss e outros). No entanto, sempre permanecerá a pergunta: que narrativas merecem ser chamadas mito? Que estilos narrativos se adaptam para receber o mito?¹³.

3 Jornalismo e Imaginário Social

Vou descartar algumas implicações filosóficas importantes sobre o abandono da narrativa, a adesão à linguagem racionalista e as conseqüências dessa atitude para a decadência da qualidade de vida implícita nas citações de Lluís Duch nos últimos parágrafos acima. Embora concorde integralmente com todas, elas levariam estas reflexões para rumos não pretendidos. As longas citações do filósofo Lluís Duch foram utilizadas aqui porque elas fornecem o suporte conceitual para a análise das notícias dos jornais diários que proponho. Penso que o jornalismo é o último baluarte epistemológico da objetividade. Hoje, como antes, a linguagem dos jornais pretende ser imparcial, isenta de

valores, aspira a descrever fielmente o real, não admitindo qualquer desvio para a ficcionalidade.

É certo que, nos últimos anos, os jornalistas se convenceram que essa neutralidade frente à história, esse relato “de fora” do real, é uma pretensão inatingível. Algumas concessões foram permitidas nos “fait divers” e algumas tendências recentes aproximaram o jornalismo de uma linguagem literária. Por exemplo, o “New Journalism”. Mas elas são apenas toleradas e, em geral, confinadas a cadernos ou sessões especiais ou experimentais dos jornais. A perseguição à objetividade continua sendo a ortodoxia dominante nas redações, o axioma máximo da atividade profissional do jornalismo contemporâneo. O axioma da objetividade ainda é, de longe, o paradigma dominante do jornalismo mundial¹⁴. Para os objetivos desse projeto, vou ignorar as exceções literárias do jornalismo e contrapor à máxima da objetividade pretendida pelo jornalismo factual as subjetivações ferrenhamente negadas por ele.

O objetivo de nossos estudos é explorar a contraditória convivência entre a objetividade e a subjetivação na linguagem das notícias de jornal. Apoiando-me nos argumentos apresentados acima, creio que as notícias revelam com vigor essa contradição. Elas são um reduto da racionalidade e da lógica, mas pela sua natureza como expressão dos dramas e tragédias humanas, não conseguem desvencilhar-se dos elementos míticos e do imaginário cultural. Corroborando os argumentos acima, creio que é justamente na linguagem jornalística, um reduto exacerbado do racionalismo, que os fantasmas, as fantasias, os desejos e as ilusões do ser humano vêm habitar, como um **complexo oppositorum**. Ali, onde a intenção é expressar com rigor a realidade tal como ela é, sem ilusões, sem fantasias nem invenções, a presença do *mythos* converte subversivamente o discurso racional em seu contrário. No texto da reportagem não se dá, nem se dará nunca, o triunfo da objetividade nem tampouco a linguagem da notícia assumirá jamais a forma pura de uma narrativa: nela se realiza continuamente, de forma expressiva, a **coincidência oppositorum** do jornalismo.

Na contemporaneidade, penso eu, o jornalismo é o lugar por excelência de realização da ambigüidade e da complexidade da experiência do ser humano. É essa ambigüidade do caráter da notícia que nos interessa explorar. Se as notícias são, por um lado, o espelho da

realidade, o registro objetivo da história, elas também são, por outro lado, relatos das tragédias modernas, dos conflitos e dramas humanos, e contêm, portanto, sentidos subjetivos carregados de emoções e tensões. Verificar até onde as notícias conseguem restringir-se ao referente empírico e até onde elas se impregnam das sensibilidades e imaginários sociais é a proposta de nossas reflexões. Mais ainda, proponho uma reflexão sobre a assertiva de que as notícias não contam as histórias na sua integralidade, elas são apenas “pedaços” escolhidos do real. Tomamos aqui as notícias como obras abertas, fragmentos da realidade que deixam lacunas de significados, solicitando aos leitores a ação cooperativa de complementação de sentidos. O processo de preenchimento dessas lacunas pelos leitores é que precisa ser identificado. A sintaxe implícita do processo de produção de sentidos pela forma notícia de apreensão da realidade ainda está por ser feita.

4 Realidade e Utopia nas Notícias

O presente momento de globalização do mercado mundial traz para as páginas dos jornais as contradições inerentes a este processo. Na América Latina, e no Brasil em particular, a globalização é um processo marcado pela contradição. Por um lado, ele integrou vastos segmentos da população no mercado internacional. Por outro, ele expulsou um grande número de pessoas do mercado de trabalho, forçando-as a exercer atividades urbanas provisórias, o semi-emprego marginal.

Enormes contingentes de pobres, desqualificados para um mercado cada vez mais competitivo, foram colocados à margem do mercado de trabalho e do consumo, vivendo uma cultura de sobrevivência no campo ou uma cultura marginal urbana nas grandes cidades. O resultado mais dramático é a brutal concentração de renda. No Brasil, o país mais populoso da região, os 10% mais ricos detêm 55% da riqueza nacional enquanto os 20% mais pobres têm apenas 2% desta mesma renda. Essa concentração continua aumentando: em 1999, aqueles que estavam entre o 1% mais rico detinham 14% da renda do país, enquanto os 50% mais pobres, apenas 13,5%. Essas gritantes diferenças, agregadas a outras variáveis, revelam uma região cheia de contrastes e uma convivência contemporânea de diferentes modos de produção. Convivem lado a lado

sociedades tribais anteriores à idade da pedra, tribos indígenas nômades, camponeses em regime de agricultura de sobrevivência, grandes latifúndios de exploração quase feudal da terra, enormes massas suburbanas desempregadas, classes médias emergentes com diferentes graus de integração no mercado e classes abastadas com padrão de vida internacionalizado. Nenhum outro continente é tão paradoxal.

Essa diversidade antropológica produz contrastes e aberrações que estão explícitos nas notícias das páginas dos diários ou das imagens dos telejornais. Por um lado vemos refletir-se um padrão de vida burguês internacionalizado, expressões de uma sociedade de consumo plena, padrões de vida internacionalizada, comportamentos “modernos” e vanguardas pós-modernas. Vemos diversas expressões de cultura contemporânea mundializada, popular ou erudita. É como se o país já estivesse vivendo plenamente os padrões de vida dos países pós-industriais. Por outro lado, vemos expressões culturais semibárbaras, a miséria, a fome, o desespero, a tragédia humana, a violência rude, o exótico, o estranho, o inexplicável, o grotesco, expressões de nossa selvagem exclusão social, da miséria, de grupos marginalizados da permanência entre nós de uma moral individualista, egoísta e oportunista. Convivem em nossa realidade e emanam dos nossos noticiários a casa-grande e a senzala, o autoritarismo paternalista e a resistência conformista, o populismo e as revoltas desordenadas das massas, o oportunismo, a resignação e a apatia. Lemos, vemos e ouvimos afirmações de uma nacionalidade pouco constituída, que se mistura a um imaginário popular utópico, mas difuso.

Somos o continente da contradição e dos paradoxos, onde convivem civilização e barbárie, o rural e o cosmopolita, o local e o global, o ciber e o arcaico. Surgem aqui e ali vestígios de utopias revolucionárias difusas, manifestações nacionalistas periódicas que convivem com um noticiário retrato da apatia e da resignação. As notícias diárias dos nossos jornais e telejornais são hoje a expressão mais forte de nossas contradições. Significativamente, porém, numa época de perda dos sentimentos nacionais, de falência do Estado-nação, da imposição de um capitalismo internacional unificador, parece eclodir, ainda que esporádica e timidamente, alguns orgulhos mais profundos de nacionalidade e de afirmação de brasilidade.

Os imaginários latino-americanos, e os

brasileiros em particular, se situam entre os limites do real e o fantástico, da história e da imaginação, da vida e do onírico, do dia e da noite, do masculino e do feminino. A própria realidade parece às vezes ultrapassar a razão ao apresentar-se como insólita e incrível. Nas palavras de J. L. Borges, “a realidade se confunde com o sonho. Melhor dizendo, o real era uma virtualidade do sonho”. Ou na frase de A. Carpentier: “Quanto mais um acontecimento lhe parecerá inverossímil, mais você poderá ter certeza que ele é exato”. Ou ainda em Guimarães Rosa: “o que nunca se viu, aqui se vê”. Ou ainda em Garcia Marques: “o descomedimento faz parte da nossa realidade”. Na América Latina, a realidade das paisagens e dos homens parece ser mais extravagante do que em qualquer outro lugar. O luxo é mais ostentado, a riqueza e a pobreza são mais distantes. O absurdo, o paradoxo e o incrível estão no coração do continente, mas também da história que evoluiu desse impulso, quer dizer, no registro do excesso e da extravagância, ao qual se virá juntar um elemento novo, o grotesco: “compreendemos que nessas condições o surrealismo iria encontrar na América Latina o seu continente predileto”¹⁵.

Alguns autores dizem ser próprio da nossa realidade uma ludicidade revolucionária, uma liberdade selvagem, uma rusticidade paradoxal. Laplantine e Trindade, por exemplo, argumentam que as nossas manifestações surrealistas são mais autênticas do que aquelas do surrealismo europeu porque mais radicais e próximas do real exótico. Para eles os modernistas brasileiros pertencem à mesma família do surrealismo na sua radicalidade de querer mudar as relações entre a arte e o real, a imaginação e a razão, na sua vontade de atingir uma surrealidade, este ponto de espírito no qual a vida e a morte, o real e o imaginário deixam de ser percebidos contraditoriamente. E assim fazendo, mudar o mundo. Mas, nesse intento, os brasileiros vão mais longe porque, na sua radicalidade de restituir os direitos do imaginário, o fazem com mais liberdade e aptidão. Assim, os modernistas brasileiros substituem a lógica francesa pelo instinto, o metafísico pelo concreto, a composição pelo grito, o pensamento pelo corpo, os sentimentos pela sensação¹⁶.

Devido a esse lastro cultural-histórico, a nossa inserção no processo de globalização contemporâneo não poderia ocorrer sem ser simultaneamente submissa e afirmadora de

nacionalismos decadentes, experiências que as nossas notícias revelam com episódios tragicômicos. Ainda não tínhamos consolidado no nosso imaginário o conceito de nação soberana e já somos integrados atabalhoadamente no mundo globalizado.

O noticiário de episódios como a Guerra da Vaca Louca entre o Brasil e o Canadá estimulam um imaginário libertário nacionalista ao mesmo tempo em que sugerem sensações de submissão e dependência. Por alguns momentos esquecemos as mazelas e misérias para nos imaginar soberanos frente aos tigres internacionais, mas logo regressamos ao nosso complexo de inferioridade. A sociedade civil nacional mal dá conta de suas contradições internas e ensaia passos de autonomia, embora as hegemonias se situem em centros distantes de nossos interesses “nacionais”.

Se a nossa realidade é assim contraditória, nada se ajusta melhor às exigências do jornalismo. Segundo os cânones da profissão, acontecimento jornalístico é tudo aquilo que rompe com a continuidade das coisas, com a regularidade dos fatos. Se o jornalismo é o espelho da imprevisibilidade, da excepcionalidade, então a nossa realidade é uma notícia permanente, é uma notícia explícita. Aqui, o homem morde o cachorro todo os dias. Aqui, os excessos, as falhas e as inversões são permanentes, são a norma. As aberrações da natureza e dos homens são a nossa normalidade tropical tupiniquim. A miséria, a exploração, a lei da vantagem, a ilusão, o inexplicável, a corrupção, o desleixo, a morte, os crimes, o exótico, a fome, os acidentes, o grotesco não são a excepcionalidade, são a regra. A história é a anti-história. Aqui, a notícia não é o negativo da racionalidade, é a racionalidade negativa permanente, portanto, real. Nas páginas dos jornais, essas inversões corriqueiras são a nossa meta-realidade imaginária. É essa realidade real-surrealista que se apresenta todos os dias nas páginas dos nossos jornais¹⁷.

Acredito, porém, que o que emana dos textos das notícias dos jornais brasileiros é mais uma realidade fantástica do que uma surrealidade. Ou seja, o fantástico parece ser uma categoria mais apropriada para a percepção das incoerências e excentricidades reveladas pela mídia noticiosa. O surrealismo enquanto movimento intelectual faz uma opção explícita pelos impulsos interiores, pelo sonho, pelas fantasias desenfreadas da imaginação para fora da realidade objetiva e pode ser uma

categoria útil para a análise da estética. Mas, quando nos confrontamos com a realidade histórica, como é o caso das notícias de jornal, o fantástico seja talvez mais apropriado porque não se deixa levar totalmente pela fantasia, ele reside na hesitação entre a realidade e a ilusão. Nas palavras de T. Todorov, o fantástico implica na existência de um acontecimento estranho que provoca uma hesitação no leitor. Mas, o mundo do fantástico é o espaço entre a existência de nossa banal e familiar realidade cotidiana e a ocorrência de fatos extraordinários que não podemos explicar, acontecimentos que somos induzidos a pensá-los como ilusórios, como produtos da imaginação, ou como parte integrante de uma realidade que não podemos compreender totalmente pois sua lógica integral se nos escapa. É esta incredulidade, esta dúvida entre o real e a fantasia que conforma o fantástico. Ele ocupa o terreno da incerteza. Ele recusa a explicação puramente lógica e racional dos fatos, mantendo uma possibilidade de interpretação sobrenatural, mas não embarca tampouco nesta aparente explicação onírica, pois sairia do fantástico pra entrar na instância do irreal, da fantasia. O que não é jornalismo¹⁸.

Há trinta anos Muniz Sodré já chamava a atenção deste aspecto da dinâmica cultural brasileira em um pequeno livro ainda hoje importante na nossa literatura sobre a indústria cultural no país. Segundo ele, a cultura brasileira foi marcada desde as suas origens afro-indiano-portuguesa por uma escatologia naturalista não muito coerente, mas que influiu decisivamente na imaginação coletiva. As deformações físicas, por exemplo, geraram monstros como o lobisomen, o mão-decabelo, metc., o filho que renega os pais vira mula sem cabeça, e assim por diante. O fascínio pelo extraordinário, pela aberração é evidente nos programas de variedade na televisão (uma afirmação atualíssima hoje). O grotesco (o fabuloso, o aberrante, o macabro, o demente, enfim, tudo que se localiza numa ordem inacessível à normalidade humana) seria para Muniz Sodré a categoria mais apropriada para a apreensão estética da cultura de massa nacional. Em contraste com a sofisticação da modernidade, apareceriam novas categorias do grotesco como a miséria, a fome, etc. Em resumo, diz ele, o grotesco é o mundo distanciado, daí a sua afinação com o estranho e o exótico. A “estranheza” do grotesco o coloca perto do cômico ou do caricatural, mas também do kitsch, do cafona, do brega, do breganejo, vocabulário

tão identificado hoje com a cultura suburbana das massas excluídas ou semi-incluídas da periferia das grandes cidades brasileiras¹⁹.

Acrescente-se a essa permanente excepcionalidade histórica apreendida jornalisticamente uma performatividade natural e historicamente presente em nossa realidade. Essa realidade é muito explícita, voltada para fora, para a rua, exteriorizada. Afinal, somos um país tropical, onde a nudez, por exemplo, é muito mais tolerada. Quase tudo acontece às claras, à vista, com menos ocultamento do que em outras geografias. As nossas autoridades, os nossos políticos, a nossa vida privada, a nossa cotidianidade parecem um grande teatro aberto, onde todos desempenhamos as nossas interpretações. Por isso a performatividade, típica da pósmodernidade dos países pós-industrializados encontrou, na nossa tropicalidade, um cenário perfeito. Basta ver a quantidade de colunas sociais, colunas de notas políticas, colunas de todo o tipo que grassam no jornalismo brasileiro. Gostamos de saber o que está escondido, o que está por trás das cenas, amamos a fofoca, o mexerico, o tornar público aquilo que deveria ser privado. O que em outros lugares pertence à esfera da intimidade, aqui se torna naturalmente público. O real parece um livro aberto e um grande jogo de cena²⁰.

Por isso, proliferam os meta-acontecimentos de que nos fala A. Rodrigues, aqueles atos simulados segundo a ordem simbólica da representação cênica para a mídia, São metarealidades porque não são realidades que irrompem acidentalmente com a ordem esperada, mas sim provocam essa excepcionalidade com a intenção explícita de ganharem a mídia, de ganharem a visibilidade e assim se instituírem enquanto acontecimento real-midiáticos. Os mídia, ao narrarem esses meta-acontecimentos, produzem novos acontecimentos, novas realidades virtuais que se somam à realidade dos acontecimentos puramente acidentais. Ao veicularem esses meta-acontecimentos, os mídia os ampliam e conferem a eles uma notoriedade que eles não teriam sem ela. Pelo simples fato de existirem, os mídia eliminaram o natural e o espontâneo, transformaram a realidade toda num grande espetáculo. As técnicas teatrais contaminam os comportamentos pessoais, a educação, a religião, a política, transformando tudo numa performance e a realidade passa a ser uma grande encenação, uma realidade virtual ou

uma pós-realidade. 21

5 Questões metodológicas

A metodologia pertinente ao estudo das notícias enquanto sistema simbólico é a narratologia, que enfoca a história muito mais do que o discurso, centra-se no plano diegético mais que no plano lingüístico, tal como a conceberam M. Bal, T. Todorov, N. Frye, P. Ricoeur, U. Eco e outros autores²². Evidentemente, os procedimentos da narratologia, concebida originalmente para a análise de textos literários, deverão ser ajustados à análise das notícias, pois as notícias não são obras de ficção e seu caráter narrativo só se revela secundariamente. Também porque a narratividade das notícias só pode ser identificada, muitas vezes, numa seqüência de notícias sobre o mesmo acontecimento, que se mantém nas páginas dos jornais ou nas telas dos telejornais durante muitos dias, semanas ou meses, de forma fragmentada. Nestes casos, os procedimentos da narratologia devem incidir sobre o encadeamento das unidades semânticas da história (cada notícia, individualmente) para descobrir como se articulam funcionalmente os sentidos da narrativa implícita.

O primeiro passo é identificar a estratégia organizativa do texto enquanto notícia, encontrar a atitude organizativa que prevê determinadas operações, recorre a certos instrumentos ou opções textuais para atingir aos seus objetivos. Leva-se em conta aqui que as notícias são organizadas enquanto texto para produzir certas reações de sentido, o que lhes confere uma singularidade no processo comunicativo jornalístico: seduzir, informar, convencer, reter. Os enquadramentos não são ocasionais, mas intencionais e obedecem a certos frames, certos moldes próprios do jornalismo profissional. Identificar "de onde ele fala", sua posição de autoridade ou de diálogo no relato, se ele posiciona-se desde fora do evento ou como um autor que assume a sua criação textual. Esse primeiro passo permite e exige uma investigação da posição em que o jornalista-autor se permite no jogo com o seu leitor potencial.

O segundo passo é a análise textual propriamente dita, um movimento indutivo de mergulho nos elementos que constituem a sintaxe narrativa do texto, uma busca das pistas de ficcionalidade. Partindo do pressuposto de que todo texto, toda notícia, denota e conota, buscar onde o texto se trai, onde desliza do

objeto rumo à subjetivação. Essas pistas podem estar no uso de certos verbos ou certos tempos verbais, na adjetivação, na linguagem hiperbólica, descrição excessiva ou ornamental de detalhes, nas injunções, comparações, referências metafóricas, significados figurativos, nas digressões em torno de personagens, nas polaridades, analogias, etc. E principalmente na reconstrução de enredos, seqüências significativas, conexões entre episódios que sugerem a intervenção de mundos possíveis, os mundos dos textos com os mundos dos leitores. Com esta análise o mundo físico e objetivo das notícias ganha novas cores, novas texturas, novas tonalidades.

Ficcionalidade sugere narratividade e a narratividade implica em fabulação, no chamamento da mitologia e nos leva ao terceiro passo da análise, aquela da interpretação propriamente dita. Essa interpretação, a partir dos passos anteriores, procura encontrar os padrões imagéticos, temas morais predominantes, recorrências e ressonâncias, matrizes dos matizes éticos e estéticos, arquétipos, a presença do *mythos*, enfim. Os elementos anteriormente identificados tomam outra dimensão porque agora deixam de girar em torno do enredo para participar como coadjuvantes do tema principal, que unifica e amplia os detalhes menores. Surge então a alma da narrativa e uma gramática mais profunda revela uma articulação implícita de sentidos metafóricos, ideológicos e principalmente mitológicos. O que antes eram "ingênuas" notícias de conteúdos imediatos se mostram agora plenas de sentido mitológicos, de desejos, ilusões, utopias²³.

Devo acrescentar que a dimensão narrativa das notícias pode ser identificada não apenas devido a possibilidade de sua transfiguração em pseudo-literatura, mas igualmente pelo fato antropológico da vida cotidiana ser estruturada temporalmente, fato profundamente importante para a formação da nossa consciência humana, como bem observam Berger e Luckmann. A corrente da consciência é sempre ordenada temporalmente, todo indivíduo tem consciência do fluxo interno do tempo, que funda os ritmos fisiológicos do organismo, conforme exploramos superficialmente na introdução deste artigo. O tempo cotidiano "pode ser compreendido como a intersecção entre o tempo cósmico e seu calendário socialmente estabelecido, baseado nas seqüências temporais da natureza, por um lado, e o tempo interior, por outro lado"²⁴. A vida

cotidiana se estrutura em face da facticidade do tempo contínuo e finito que a ordena, fazendo de nossas vidas episódios na corrente do tempo, que já existia antes do nosso nascimento e continuará a existir depois dele. É essa temporalidade coercitiva que determina a nossa situação no mundo e na vida cotidiana.

Creio que esta é a mesma tese de P. Ricoeur ao chamar a atenção para o caráter narrativo da história. Diz ele que a história mais distante da forma narrativa continua a ser ligada à compreensão narrativa por um laço de derivação enraizada na temporalidade característica do mundo da ação: "minha tese repousa na asserção de um laço direto de derivação pelo qual o saber histórico procede da compreensão narrativa...Com efeito, a inserção da história na ação e na vida, sua capacidade de reconfigurar o tempo coloca em jogo a questão da verdade em história. Ora, esta é inseparável do que chamo de referência cruzada entre a pretensão à verdade da história e a da ficção"²⁵. Embora considerando primordialmente a ficção, as palavras de Ricoeur reforçam a percepção necessariamente narrativa da realidade por parte do jornalismo frente à história, que queremos destacar aqui.

Neste ponto, creio que a reflexão que aqui fazemos se aproxima da teoria da recepção de Wolfgang Iser. Segundo ele, ao ser lido, o texto aciona a imaginação do leitor, que reage aos estímulos recebidos, e dá vida àquilo que foi lido. Uma realidade virtual emerge, uma nova realidade, que não dispõe de nenhum equivalente no mundo empírico. A leitura seria então uma ocorrência que ultrapassaria todos os sistemas de referência existentes, não podendo ser subsumida sob a categoria do familiar, do já conhecido. Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, diz Iser, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato da leitura. Se a estrutura básica do texto consiste em segmentos determinados interligados por conexões indeterminadas, então o padrão textual se revela como um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está. O não-expresso impulsiona a atividade de constituição do sentidos, porém sob o controle do expresso, que também se desenvolve quando o leitor produz o sentido indicado. Lacunas e negações impõem, assim, uma estrutura peculiar a essas atividades constitutivas do processo de leitura e, ao mesmo tempo, estimulam o leitor a suprir o que

falta, a conexão dos segmentos. Lacunas são encontradas no repertório formado por todos aqueles elementos das realidades extratextuais que são trazidas para o texto, perdendo com isso as conexões que possuíam no campo referencial de onde foram importadas. O leitor se encarrega de preencher o que falta, faz as conexões.

Nada poderia ser mais apropriado para descrever a recepção da notícia. Ela é fragmentada, parcial, mas é serial. O mesmo acontecimento pode ficar na mídia vários dias, semanas ou meses. Outras vezes, variam as circunstâncias dos acontecimentos narrados, mas os fatos são os mesmos. O crime passional, por exemplo, re-acontece frequentemente e é noticiado regularmente nas páginas dos jornais. Essa serialidade ou, em outros casos, essa recorrência temática, a meu ver, aciona a imaginação dos leitores dos jornais, requerendo dele a complementação de sentidos. A ausência de certas relações estimula a atividade ideacional do leitor, como diz Iser. Dessa forma, o leitor explicita o que não está expresso. O leitor reage não apenas às instruções dadas pelo texto, mas também aos resultados de sua própria atividade ideacional, sempre que se fizer necessária uma complementação.

A descontinuidade dos segmentos textuais – na linguagem de Iser – desencadeia operações sintéticas na mente do leitor, porque as lacunas levam as concepções individuais elaboradas a colidir, impedindo assim a “boa continuidade”. O leitor tem então de reagir ao seu próprio correlato noemático, podendo desse modo desligar-se de suas disposições habituais, disposições essas que afetam significativamente o processo de ideação. O leitor pode libertar-se temporariamente de tais disposições e criar idéias de outro modo inatingíveis. As lacunas constituem uma pré condição fundamental da comunicação, porque intensificam essas atividades ideacionais. A leitura seria, então, mais um ato de criação, no sentido antropológico, que de recepção²⁶.

Gostaria de deixar claro, porém, uma diferença entre o que pretendo fazer nesta proposta e aquela de Iser. Este autor procura livrar-se das determinações, chegar a um nível teórico de abstração tal que o permita superar a relação do texto com o contexto sócio-histórico em que foi gerado. Segundo Iser, essa procura insistente pela determinação, provocada especialmente pelo marxismo, reduziria a literatura (o objeto

de análise de Iser) a parecer apenas um reflexo especular dos processos sociais, afirma o autor. Em uma crítica a Iser, diz G. Schwab que, se os textos trazem neles mesmos um modelo que direciona a reação dos leitores, então contêm igualmente um modelo implícito de contato cultural.

Mesmo sem pretender discriminar modos históricos concretos de modos psicológicos de processar as estratégias que guiam a reação do leitor, esse “outro implícito” seria operante tanto no plano da negatividade do texto quanto no da alteridade interna do leitor. Na opinião dela, bastaria ampliar, nesta direção, o sistema teórico de referência adotado por Iser para obter o solo mais propício a uma interação dialógica entre a vertente humana e a vertente cultural da antropologia. Ela reconhece o esforço conceitual de Iser de ultrapassar os níveis de concretude e permanecer ao nível da cognição pura, da reflexão estética, de nunca contentar-se com a inevitável temporalidade de um pensamento particular. Mas, ao propiciar espaços de transferência que favorecem encontros imaginários com a alteridade, a literatura promove nossa transformação de modo a nos inserir no mundo. É este segundo caminho que prefiro, até porque o nosso objeto, a notícia de jornal, diferente da literatura, nos remete permanentemente ao mundo histórico e real²⁷.

Anossa suposição principal nestas reflexões é a de que, além de relatar fatos concretos (os acontecimentos relacionados à experiência real dos indivíduos e grupos), as notícias trazem também sentidos simbólicos de alcance muito além da pura informação. Cremos que além de relatar as nuances dos eventos concretos, as notícias organizam sentimentos genéricos de moral, de ética, de nacionalidade, estimulam a afirmação de uma identidade de sentimentos de pertença emocional e de afirmação perante “os outros”. Ao noticiar, por exemplo, os acontecimentos relacionados ao episódio que ficou conhecido como a guerra da vaca louca entre o Brasil e o Canadá, as notícias estimulam sentimentos e expressões de nacionalidade.

Ressurgem, ainda que esporádica ou dispersamente, a afirmação de uma nacionalidade nossa, outra, diferente. Isto se dá, entretanto, dentro dos marcos da estratégia comunicativa jornalística, com as regras de concorrência e de mercado simbólico, com a valorização de episódios sem conseqüências

sérias, mas cômicas, exóticas ou performáticas. Por exemplo, o episódio da vaca levada para frente da embaixada do Canadá em Brasília tem um destaque maior que os detalhes da disputa econômica porque é mais performático, mais extraordinário, mais midiático. Essas exaltações do pitoresco parecem ter como efeito reafirmar ainda mais a excentricidade do comportamento nacional, como uma comédia permanente. No conjunto, porém, o noticiário exala um vago, mas perceptível movimento de afirmação de uma coletividade que mantém ilusões, desejos e utopias nacionais, ainda que cada vez mais diluídas na geléia geral da uniformização global.

A intenção em estudos deste tipo é contemplar dois tempos históricos numa só análise englobadora: 1) o tempo histórico concreto, onde a ideologia pode ser uma categoria conveniente para reunir as representações de grupos e classes em conflito; 2) o tempo primordial, ou tempo sagrado de que nos fala M. Eliade, do qual uma categoria totalizadora como a mitologia poderia dar conta das expressões predominante simbólicas²⁸.

Nos imaginários em conflito, especialmente nas ilusões e nas utopias coletivas, estão contemplados tanto o presente histórico como o presente imaginado. Como nos chama a atenção G. Durand, o homem tem consciência de uma realidade presente e de uma realidade “ausente”, de um tempo presente e de um tempo imaginado, vive e representa ambos. Creio que no relato dos fatos históricos que pensamos selecionar para esta análise, aparecem com realce tanto um como outro tempo. É isso que queríamos salientar acima quando dizíamos que as notícias sobre os acontecimentos anti-globalização, notícias sobre o enfrentamento entre o exótico e o outro moderno, exala uma utopia recuperada historicamente, um sentimento de brasilidade, de lationamericanidade vago e diluído, porém ainda presente. Gostaria de citar uma frase de G. Durand no seu esforço para trazer as inter-relações entre o consciente e o inconsciente, que ilustra o raciocínio: “O símbolo, em seu dinamismo instaurativo na busca de sentido, constitui o modelo mesmo de mediação entre o eterno e o temporal”²⁹.

Não estou de acordo com muitas das idéias que sustentam o pensamento de G. Durand, mas considero interessante a sua proposta de bacia semântica para uma compreensão final da análise que proponho. Ela pode ser um instrumento intelectual interessante para

organizar a compreensão da dinâmica cultural dos fluxos dos imaginários. Durand entende que as mudanças na história ocorrem através de eventos curtos mais ou menos isolados, outros de duração periódica média e mais homogêneos e aqueles que duram tempos mais longos. Para ele, podemos identificar com certa nitidez ciclos econômicos por um lado, e conteúdos semânticos (motivos pictóricos, temas literários, figuras míticas predominantes) que marcam estilos de uma época. Para situar esses movimentos, Durand utiliza a metáfora da bacia fluvial, um conceito semelhante ao curso de um rio e o fluxo dos seus afluentes, assim como uma dinâmica sócio-cultural é formada por diversas influências e por um curso principal. Para o autor, a vantagem do uso da metáfora é que ela ajudaria a integrar evoluções do imaginário de uma região, seus estilos, estéticas, mitos condutores, utopias, sua moral, motivos pictóricos, modas, temáticas literárias, suas tradições orais. Adaptadas às nossas circunstâncias, a metáfora pode ser útil para entender os fluxos maiores assim como os fluxos menores ou regionais³⁰.

A dinâmica cultural latino-americana e a brasileira em particular, é pujante, prolixa e contraditória. Nos 500 anos de ocupação desde a chegada de navegantes europeus se construiu nesta parte do planeta uma cultura de repressão e luta, de ilusão e desconfiança, de alegrias espontâneas e dores profundas, de submissão e resistência, de apatia e de utopias. Toda a imposição de visões hegemônicas, todo catolicismo, toda técnica toda transnacionalização, entretanto, não foram suficientes para padronizar os diversificados imaginários e conter a barbárie. Isto não quer dizer que não esteja ocorrendo aqui a padronização pelo mercado. Como alhures, somos parte da ocidentalização agressiva do mundo. Nas palavras de Castoriadis, “civilizações fundadas na consciência coletiva do grupo, da tribo, da casta, foram varridas ao contato com o homem ocidental”³¹. Mas, o processo não é irreversível nem é absoluto. Na medida em que persistem as contradições – e elas existirão sempre no capitalismo, já o demonstrou Marx – persistirão igualmente as formas de resistência e de utopias libertárias.

Se procurarmos nestas resistências e utopias algumas representações próximas à metáfora de G. Durand, vamos encontrá-las de formas dispersas em nascentes, escoamentos e junções. Estou pensando, por exemplo, no

modernismo antropofágico da Semana de 22 no Brasil, um escoamento precursor que devora os migrantes europeus para fazer deles brasileiros, que coloca em primeiro plano uma estética indigenista tupi-guarani, transcende a estética e funda uma sociologia, um pensamento e uma literatura “autenticamente brasileira.” Ele se prolonga de forma mais ou menos continuada em estéticas e temáticas nacionais pelas décadas seguintes até chegar ao tropicalismo dos anos 60 e 70. Como diz Durand, é preciso que um certo fluxo imaginário dure algumas gerações para consolidar-se enquanto uma bacia semântica significativa.

Tropicalismo pode ser o nome do rio porque tanto a Semana de 22 representa uma ruptura do pensamento e da estética brasileira com a européia como o tropicalismo posterior pode ser entendido como um movimento de busca de uma identidade cultural nacional que incluisse o exótico, o tropical e o brega como algo nosso, rompendo com os modelos estéticos formalistas estrangeiros. Dentro da latinoamericanidade o imaginário brasileiro se situaria, assim, nos limites do real e da imaginação, do histórico e do onírico. É essa ambigüidade essa coincidência oppositorum que nos fica ao lermos diariamente o noticiário dos jornais sobre os acontecimentos do continente latinoamericano. Não porque a busca de explicação de todos esses acontecimentos nos remeta necessariamente ao sobrenatural, mas porque uma grande parte deles só pode ser entendido na sua inteireza se consideramos com a devida seriedade analítica os aspectos relativos à sua elevação a níveis além do real específico, a um nível suprarreal, às vezes mágico, às vezes insólito.

Nenhuma compreensão analítica da cobertura jornalística dos jornais brasileiros pode explicar-se apenas pela face histórico-racional. Nenhum deles aconteceria como aconteceu nem alcançaria a repercussão que tiveram nas páginas de jornais de todo o mundo apenas por causa das relações materiais envolvidas. Todos contêm possuem um nível simbólico, místico, mítico ou utópico.

Numa feliz expressão, Lluís Duch mostra que o mítico e o lógico pertencem ao equipamento do ser humano, da mesma maneira que lhe é própria a sua capacidade falante. Mas, a palavra, que tudo alcança e diferenciadamente se dá a conhecer em forma de mitos e de lógicas, se articula nas formas históricas, que estão submetidas à contingência

e à ambigüidade, atributos básicos de todos os seres humanos. A reabilitação da imagem, por um lado, - complementa Duch - e dos conceitos, por outro, é algo impescindível para que o homem seja crítico, capaz de buscar critérios adequados com a ajuda de todas as expressões que estão ao seu alcance, tanto do *mythos* como do *logos*. O jogo de complementariedade edificado por meio do *mythos* e do *logos*, apesar de suas supostas irreduzibilidades, permite uma expressão integrada e integradora do polifacetismo humano³.

Notas

- 1 A minha tese de doutorado procurou ir além das regras explícitas da produção jornalística (*news values*), e investigar fatores sutis de intervenção no processo de seleção dos fatos da realidade (*Ideological Control and Newsroom Decision Making: A Q Analysis of Brazilian Editors News Selection*, University of Wisconsin-Madison, 1977). Em trabalho posterior, explorei as relações entre o jornalismo e a realidade social, especialmente a peculiaridade dos mecanismos da relação entre o real e o simbólico na notícia. Argumentei que o enunciado jornalístico é um metafato em que o real reacontece com maior riqueza, permanecendo a realidade apenas como um vago referente (*Teoria da Notícia: As Relações entre o Real e o Simbólico*, in M. Mouillaud e Sérgio D. Porto, *O Jornal - Da Forma ao Sentido*, Paralelo 15, Brasília, 1997).
- 2 Motta, Luiz Gonzaga: “A Notícia como Narrativa Mitológica”, Relatório Técnico CNPq, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, agosto de 2001. Os argumentos desenvolvidos aqui estão apresentados mais detalhadamente na introdução e na conclusão deste documento. Algumas idéias aqui apresentadas tomaram como ponto de partida os argumentos apresentados por Gayr Tuchman e E. S. Bird e R. W. Dardene em seus artigos sobre aspectos simbólicos do jornalismo no livro “Jornalismo – Questões, Teorias e Estórias, de Nelson Traquina, Vega, Lisboa, 1993.
- 3 Os cânones do jornalismo objetivo podem ser encontrado em todos os manuais do jornalismo. O capítulo 1 do *Manual do Estado de S. Paulo*, escrito por Eduardo Martins e editado pela Ed. Moderna, S. Paulo, 1997 relaciona 49 normas internas de redação que na sua quase totalidade ensinam o jornalista a escrever na ordem direta, num estilo simples, curto, preciso, explícito, impessoal, sem rebuscamentos nem usos de valores ou generalizações, produzindo assim um texto supostamente imparcial, neutro, objetivo.

- 4 DUCH, Lluís. Mito, Interpretación y Cultura. Herder: Barcelona, pág. 27.
- 5 Ibid, pág. 28. Na última sentença, ele está citando a C.I. Gulian, Mythos und Kultur, Frankfurt, 1981.
- 6 Ibid, pág. 28.
- 7 Duch utiliza a definição de miticidade de W. Dupré (Religion in Primitive Cultures, Mouton, Paris, 1975): miticidade é a verdade primeva do homem enquanto pessoa. Isto é, como ser constitutivamente relacionado à vida comum e a si próprio.
- 8 DUCH, op. cit., pág. 33-36.
- 9 Duch afirma em um trecho ilustrativo que a palavra nunca é aquilo que diz ser: "A palavra, como é de manifesto, oculta muito mais que confessa explicitamente, desfigura muito mais que define, separa muito mais que une, insinua muito mais que determina. Os implícitos, muito mais que os explícitos, os 'quer dizer' mais que o 'dizer objetivado', as alusões mais que as constatações rotundas, constituem os âmbitos mais fecundos, mas ao mesmo tempo mais difíceis de transitar da linguagem humana". Citando G. Steiner, diz ele que o terreno que medeia entre quem fala e quem escuta é instável, semeado de armadilhas e povoado de espelhismos. Não há dúvida, conclui: onde mais claramente se manifesta a radical ambigüidade humana é na atividade mais típica do ser humano, a fala. Duch, op. cit., página 478.
- 10 DUCH, op. cit. pág. 43.
- 11 DUCH, op. cit. pág. 172/3.
- 12 STEINER, G.: Presencias Reales. Ed. Destino: Barcelona, 1991, pág. 75. Citado por Duch, op. cit., pág. 177.
- 13 DUCH, ibid, pág. 180, citando neste trecho a F. Stolz.
- 14 Não ignoro nem nego a importância das tentativas freqüentes de aproximação entre o jornalismo e a literatura na reportagem. Apenas passo rapidamente por esse assunto porque não é a minha intenção explorar essa questão. Albert Chillon fez um excelente e exaustivo estudo das relações promíscuas entre jornalismo e literatura nos Estados Unidos, Europa e América Latina em Literatura y Periodismo, Aldea Global, Barcelona, 1999. Recomendo a sua leitura para quem quiser se aprofundar no assunto. Para os nossos objetivos aqui é importante enfatizar que o New Journalism norte-americano, tanto quanto o novo jornalismo europeu ou o latino-americano, permaneceu confinado às sessões de features, soft news, fait divers, aos cadernos literários, especiais ou experimentais e à imprensa underground. Por maior influência que possa ter tido sobre o estilo da reportagem, continua prevalecendo nos grandes jornais e nas agências influentes a ortodoxia da objetividade.
- 15 Essas argumentos e citações estão em V. Laplantine e L. Trindade, O Imaginário, Brasiliense, S. Paulo, 1996, pág. 58-66.
- 16 Laplantine e Trindade, op. cit.
- 17 Os argumentos desenvolvidos neste parágrafo estão baseados na discussão sobre o acontecimento jornalístico apresentada por Adriano Rodrigues, in N. Traquina, Jornalismo – Questões, Teorias, Estórias, Ed. Vega, Lisboa, 1993, pág. 19-33.
- 18 Ver Tzvetan Todorov: As Estruturas Narrativas, Perspectiva, S. Paulo, pág. 147-166.
- 19 Sodré, Muniz: A Comunicação do Grotesco, Vozes, Petrópolis, 1972. Para Muniz Sodré o grotesco no Brasil é posto a serviço de um sistema que pretende ser a compensação para a angústia do indivíduo dos grandes agrupamentos urbanos. Cada organização das relações de produção engendra uma atmosfera psicossocial própria que se destina a perpetuar o seu tipo específico de relações humanas. No caso brasileiro, ela é o espelho que reflete o id e os demônios das nossas estruturas. É o espelho em que a sociedade se olha e se oferece como espetáculo.
- 20 Por isso os reality shows estão fazendo tanto sucesso aqui. A respeito das colunas de bastidores, o meu livro Imprensa e Poder, a sair no primeiro semestre de 2002 pela Editora da UnB, traz quatro artigos analisando o jornalismo de coluna no Brasil, um gênero que só aqui existe com tal importância e influência.
- Rodrigues, op. cit.
- A narratologia não tem ainda um estatuto bem definido entre as técnicas hermenêuticas. Há discordâncias de termos, de níveis e de perspectivas, mesmo entre os autores enumerados acima, que não cabe desenvolver aqui. Sugerimos a consulta a M. Bal, Teoria de la Narrativa, Madri, Cátedra, 1990; T. Todorov, As Estruturas Narrativas, Perspectiva, S. Paulo, 1973; N. Frye, Fábulas de Identidade, Nova Alexandria, S. Paulo, 1999; P. Ricoeur, Tempo e Narrativa (Tomo I, II e III), Papirus, S. Paulo, 1994; U. Eco, Lector in Fábula, Perspectiva, S. Paulo, 1986. Há um bom compêndio de termos sobre narratologia no Dicionário de Teoria da Narrativa, de C. Reis e A.M. C. Lopes, Ática, São

- Paulo, 1988.
- 23 Uma descrição mais detalhada desses procedimentos e exemplos empíricos de sua utilização sobre textos de notícias de jornal podem ser encontrados no meu texto "A Notícia como Narrativa Mitológica", Relatório Técnico CNPq, FAC/UnB, Agosto de 2001, acima mencionado.
- 24 BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Vozes: Petrópolis, 1985, pág. 44-46.
- 25 RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo I. Papyrus: Campinas, 1904, pág. 135/6.
- 26 ISER, Wolfgang. O Ato de Leitura. vol 1 e 2. Editora 34: São Paulo, 1999.
- 27 Ver a esse respeito os ilustrativos debates de um colóquio realizado no Rio de Janeiro em 1996 com a presença de W. Iser, onde se processaram sucessivas discussões corroborando ou contrapondo as idéias deste autor in João Cezar de Castro Rocha: Teoria da Ficção – Indagações sobre a Obra de Wolfgang Iser, Ed. Uerj, Rio de Janeiro, 1999.
- 28 ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. Martins Fontes: São Paulo, 1995, especialmente capítulo II.
- 29 DURAND, Gilbert; Mito, Símbolo e Mitologia. Presença: Lisboa, 1982, pág. 129.
- 30 DURAND, Gilbert: O Imaginário. Difel: São Paulo, 1999.
- 31 CASTORIADIS, C.. Citado em Serge Latouche, A Ocidentalização do Mundo. Vozes: Petrópolis, 1994, pág. 27.
- 32 DUCH, op. cit., pág. 17.
- Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CALOIS, Roger. El Mito y el Hombre. México: Fondo de Cultura, 1993.
- CHILLÓN, Albert: Literatura y Periodismo. Barcelona: Aldea Global, 1999.
- COSTA, Miguel S. D.. Sobre a Teoria da Interpretação de Paul Ricoeur. Porto, 1995
- DUCH, Lluís. Mito, Interpretación y Cultura. Barcelona: Herder, 1999.
- _____. Lectura i Societat. Barcelona: Separata, Servei de Publicacions, AUB, 2000.
- _____. Mite i Narració. Barcelona: Separata, Servei de Publicacions, AUB, 2000.
- _____. Simbolisme i Salut. Barcelona: L'Abadia de Montserrat, 1999.
- DURAND, Gilbert. Mito, Símbolo e Mitologia. Lisboa: Ed. Presença, 1982.
- _____. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. Imaginário. São Paulo: Difel, 1997.
- ECO, Umberto. Lector in Fábula. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. Tratado de História das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FRYE, Northrop. Fábulas de Identidade. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- GARAGALZA, Luis. La Interpretación de los Símbolos. Barcelona: Antropos, 1990.
- ISER, Wolfgang. O Ato de Leitura. vol. 1 e 2. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. Teoria da Ficção. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- JUNG, C. G.. Civilização em Transição. Petrópolis: Vozes, 1993.

Referências

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. Enciclopédia Einaud, vol 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

BARTHES, Roland. Crítica e Verdade. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.

BETTLELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fada. São

_____. A Vida Simbólica. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo. Vozes: Petrópolis, 2000.

LAPLANTINE, François. O Que é Imaginário. Brasiliense: São Paulo, 1996.

LEITE, Lígia. O Foco Narrativo. Ática: São Paulo, 1997.

MOISÉS, Massaud. Literatura-Mundo e Forma. Cultrix/USP: São Paulo, 1982.

MOULLAUD, Maurice; Porto, Sergio. O Jornal, da Forma ao Sentido. Paralelo 15: Brasília, 1997.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. Dicionário de Teoria da Narrativa, Ática: São Paulo, 1988.

RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1977.

_____. Com Paul Ricoeur. Monte Avila: Barcelona, 2000.

_____. Tempo e Narrativa. Tomos I e II. Papyrus: Campinas, 1994.

TODOROV, Tzvetan. As Estruturas Narrativas. Perspectiva: São Paulo, 1973.

TODOROV, Tzvetan; DUCROT, Oswald. Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. Perspectiva: São Paulo, 1977.

TRAQUINA, Nelson. Jornal-Questões, Teorias, Estórias. Vega: Lisboa, 1993.

VAN DICK, Teun A.. La Notícia como Discurso, Barcelona, 1996.

VON FRAZ, M. Louise. A Interpretação dos Contos de Fada. Paulus: São Paulo, 1990.